

MULHERES CHEFES DE FAMÍLIA NO BRASIL COLÔNIA

Área Temática: História

Sara Bruna Lopes de Souza¹

¹Graduanda do 3º Período de História pela Faculdade de Ciências Gerenciais de Manhuaçu – FACIG.

RESUMO: A presente pesquisa se propõe a analisar a estrutura da família brasileira no Brasil Colonial, sendo a chefia feminina de domicílios o destaque deste. Para desenvolver este trabalho valemo-nos de dissertações e outros estudos que abordam tal assunto. Assim, buscaremos entender qual foi o real valor da família patriarcal na sociedade colonial, quem eram as mulheres que chefiavam lares, destacando o que propiciou a formação de tais fogos e como estas mulheres viviam, quais eram suas estratégias de sobrevivência. Sabe-se que as atividades exercidas por essas mulheres variaram em diferentes funções, e foi por meio delas que sustentavam seus lares. Desta forma, ao analisar a diversidade quanto à organização familiar, destacaremos como a chefia feminina de domicílios foi um fenômeno comum na família brasileira.

Palavras chave: família, mulher, sociedade colonial.

INTRODUÇÃO

Ao dizer que a família patriarcal é o modelo predominante no Brasil, cairemos em um equívoco, pois esta não corresponde à maior parte das formações, apesar de ser o modelo mais influente. Nas palavras de Mariza Corrêa

(...) a família patriarcal pode ter existido, e seu papel ter sido extremamente importante, apenas não existiu sozinha, nem comandou do alto da varanda da casa grande o processo total de formação da sociedade brasileira. (CORRÊA, 1993, p. 27)

O presente trabalho propõe um estudo da composição da família brasileira no Brasil Colonial, especificamente, a chefia feminina nos domicílios. Neste estudo, analisaremos as estratégias de sobrevivência dessas mulheres. A família colonial era marcada pela diversidade no que diz respeito à organização familiar. Com isso, a chefia feminina de domicílios foi um fenômeno comum na história da família brasileira.

QUEDA DA ORGANIZAÇÃO FAMILIAR PATRIARCAL

No Brasil Colonial, o modelo de família patriarcal, o casal, depois os filhos, os agregados, os escravos e, muitas vezes, os filhos casados, não era o que predominava.

Na verdade, esse modelo era mais incomum do que se pensa. Em seu estudo dedicado a sociedade paulista do século XIX, Eni de Mesquita Samara afirma que

famílias extensas, compostas de casais com muitos filhos, parentes, escravos e agregados na forma concebida pela literatura não foram, portanto, o tipo predominante, não chegando a 30% do total de domicílios. (SAMARA, 2003, p.40)

Ainda no que diz respeito à organização familiar, é importante ressaltar que poucos eram os casamentos oficiais, pois era muito caro e dificultoso/burocrático se casar. Assim, o casal acabava vivendo junto. Assim, além de concebidas pela dificuldade financeira das partes, as uniões ilícitas podem ser vistas como uma forma de resistência ao sistema escravista, como notou a historiadora Romilda de Oliveira Alves:

Os relacionamentos instáveis podem ser vistos como uma atitude de resistência de alguns escravos e libertos contra a sociedade que os oprimia; cativos e descendentes evitavam seguir as normas estabelecidas pelas autoridades coloniais, vivendo em uniões

com uma insistente mineração de ouro e pedras preciosas. Consideram-se, ainda, dentre estas atividades diversificadas, os trabalhos artesanais e produção de ferros nas forjas domésticas da região de Mariana. (ALVES, 2006. p.33)

Dentro dessa sociedade de economia diversificada, mulheres pobres, escravas e forras muito contribuíram.

A autora Laura de Mello e Souza, ao observar a região de Minas Gerais no século XVIII, verificou que quanto as mulheres forras e escravas e mulheres solteiras chefes de família, o exercício da prostituição como renda complementar de seus lares, foi comum. O alto índice de prostitutas pode ser associado a pobreza mineira da época. De fato, a prostituição era exercida por mulheres solteiras, porém também foi por quem tinha uma família estruturada. Nas palavras de Romilda Alves

A prática do meretrício chegou inclusive a invadir o tecido familiar, havendo pais que consentiam a prostituição da prole e mães que dividiam o mesmo ofício com as filhas. A concessão de lares para a prática de delitos sexuais e prostituição às vezes tornava-se um meio de sobrevivência de parte da sociedade colonial. (ALVES, 2006, p.37)

No que diz respeito ao comércio, destacam-se as “negras de tabuleiro”. Em sua maioria eram escravas e libertas que se dedicavam ao comércio ambulante, sendo que algumas chegavam a ser proprietárias de venda. Dentro das minas, os principais produtos vendidos eram a cachaça, doces, bolo e mel. Entretanto, muitos foram os alvarás de tentativa de impedir a presença destas nas áreas de mineração, lavras, morros ou aluviões. Para as autoridades, as vendas e as negras de tabuleiro representavam um perigo de desvio das normas. “Tais autoridades, acusavam as mesmas pelos desvios do ouro, diamantes, dos jornais dos escravos e por provocarem brigas e conflitos nas áreas de mineração”(ALVES, 2006, p. 38).

Vale destacar que muitas mulheres alcançavam mobilidade social e econômica por meio desse comércio.

Outra atividade utilizada por mulheres para o sustento do lar foi a produção doméstica de fios. No Brasil Colônia, a maior parte das mulheres se ocupava em atividades do setor têxtil, como fiandeiras, tecelãs, rendeiras e costureiras. Isso acabou contribuindo para a construção de uma indústria têxtil em Minas, por exemplo. Segundo Carla Almeida:

Pela lista nominativa de Catas Altas, constatamos que 34,4% dos chefes de domicílio deste distrito se dedicavam a algum tipo de atividade ligada a indústria têxtil (de 352 chefes do domicílio, 74 eram fiandeiras, 13 tecedeiras, 2 rendeiras, 15 costureiras e 17 alfaiates). Portanto, a “indústria têxtil” era já neste momento bastante significativa no contexto da economia mineira. (ALMEIDA, 1994, p.92)

Nesse contexto, ainda eram encontrado mulheres livres e escravas desenvolvendo atividades em teares rudimentares e tecendo e fiando algodão, tanto para uso familiar, quanto para fins comerciais. Sendo que, atividades em sítios e fazendas exercidas por mulheres não era incomum. Nas palavras de Francisco Eduardo Andrade

(...), especialmente as mulheres livres-esposas, filhas, agregadas-, com suas escravas ou não, e, sobretudo aquelas com poucas posses, dividiam a lida cotidiana doméstica entre cozinhar, lavar, tecer, cuidar dos pequenos animais (galinhas e porcos) e da horta, trabalhar no beneficiamento de gêneros agrícolas. Mas, certamente, a fiação e tecelagem se destacavam, devido aos rendimentos que auferia ao grupo familiar. (ANDRADE, 1998, p. 125)

CONCLUSÃO

Contudo, com o que foi apresentado, podemos perceber que ao longo da História, um grupo sempre foi negligenciado pela historiografia, mulheres pobres, escravas e forras. Entretanto, estas tiveram grande destaque na sociedade colonial, principalmente na contribuição econômica.

Estas mulheres exerceram variadas ocupações, como vendedoras, costureiras, fiandeiras e também prostituição. O que vale destacar é a situação econômica de tal época que propiciou a chefia de mulheres de domicílios, sendo que em períodos de crise aparece um maior número de chefia feminina, podendo ser estas mulheres mulatas, negras e também brancas.

As atividades exercidas por essas mulheres foram diversificadas, e foi por meio delas que muitas mulheres obtiveram recursos para o sustento do seu lar.

BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, Carla Maria Carvalho de. **Alterações nas unidades produtivas mineiras: Mariana (1750-1850)**. 1994. 220 f. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 1994.
- ALVES, Romilda de Oliveira. **Mulheres Solteiras Chefes de Domicílio: Mariana C. 1807- C. 1822. Mariana- MG (Monografia)**. Universidade federal de Ouro Preto, 2006.
- ANDRADE, Cristiane Viegas de. **Domicílios mineiros oitocentistas; caracterização segundo o sexo da chefia**. In: BOTELHO, T. R. (org). **História quantitativa e serial no Brasil: um balanço**. Goiânia: Anpuh- MG. 2001. p. 65-90.
- ANDRADE, Francisco Eduardo de. **A enxada complexa: roceiros e fazendeiros em Minas Gerais na primeira metade do século XIX**. 1994. 270 f. Dissertação (Mestrado em História)- Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1994.
- CORRÊA, Mariza. **Repensando a família patriarcal brasileira: notas para o estudo das formas de organização familiar no Brasil**. In: _____. Colcha de retalhos. Estudos sobre a família no Brasil. 2ª Ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1993, p. 27.
- RAMOS, Donald. **A mulher e a família em Vila Rica do Ouro Preto: 1754-1838**. In: **Congresso sobre a História da População na América Latina**, 1989, Ouro Preto. **Anais...** São Paulo: Fundação SEADE, 1990, p.154-163.
- SAMARA, Eni de Mesquita. **Família, mulheres, povoamento: São Paulo, século XVII**. São Paulo: EDUSC, 2003.